Universidade do Estado do Pará
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Centro de Ciências Sociais e Educação
Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e Suas Respectivas Literaturas – Mestrado Profissional Linha de Pesquisa: Estudos Linguísticos – Saberes e Práticas

TREICY PÂMELA CASTRO PEREIRA

NAS ENTRELINHAS DA ERA DIGITAL: MULTILETRAMENTOS E PRÁTICAS DISCURSIVAS NA SALA DE AULA

Belém
2021

NAS ENTRELINHAS DA ERA DIGITAL: MULTILETRAMENTOS E PRÁTICAS DISCURSIVAS NA SALA DE AULA

IN BETWEEN THE LINES OF THE DIGITAL AGE: MULTILETTERS AND DISCURSIVE PRACTICES IN THE CLASSROOM

Treicy Pâmela Castro Pereira[1]
Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva[2]

Resumo: O presente trabalho surgiu de inquietações acerca de como o espaço escolar está trabalhando os multiletramentos como práticas sociais e discursivas. Utilizamos como recorte teórico-metodológico, os instrumentos propostos pela Análise do Discurso Francesa e as reflexões sobre Multiletramentos presentes em ROJO (2013). Nesta pesquisa, temos como objetivo principal a elaboração de um aplicativo midiático, intitulado "Nas Entrelinhas da Era digital", proposto para o auxílio do docente na construção de aulas com temáticas direcionadas às práticas discursivas e aos multiletramentos, a fim de trazer para a sua rotina maior contato com as ferramentas tecnológicas, aproximando-o da realidade dos discentes, sobretudo no contexto de pandemia e de ensino remoto.
Palavras-Chave: Docente. Tecnologia. Multiletramentos. Práticas discursivas.

Abstract: The present work arose from concerns about how the school space is working with multiliteracies as social and discursive practices. We used, as a theoretical-methodological approach, the instruments proposed by the French Discourse Analysis and the reflections on Multiliteracies present in Roxo (2013). In this research, the main objective is the development of a media application, entitled "In between the lines of the digital age", proposed to help teachers in the construction of classes with themes directed to discursive practices and multiliteracies, to bring to their routine greater contact with technological tools, bringing it closer to the reality of students, especially in the context of pandemics and remote learning.
Keywords: Teacher. Technology. Multiliteracies. Discursive practices.

Introdução

A pandemia do novo Coronavírus trouxe diversas mudanças para o mundo e, consequentemente, para a sala de aula. Precisamos rever as nossas práticas pedagógicas para não sermos excluídos do mercado de trabalho. Nesse sentido, iniciou-se uma verdadeira corrida contra o tempo, durante a pandemia, precisamos nos tornar mais tecnológicos e, assim, ressignificar saberes. CASTELLS (2015) afirma que passamos de um capitalismo industrial para um capitalismo informacional, em que as TICs possuem forte influência nas relações de trabalho e na produção, fato evidenciado no período de isolamento, visto que, mesmo diante das adversidades provocadas pela pandemia, somada à crise política que estamos vivendo, atualizamos saberes e práticas, transformando nossas casas e ambientes virtuais em sala de aula. Da mesma forma, as relações sociais e a cultura começam a ocorrer nesse novo espaço, estruturado em redes de informação.

[1] Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará. Especialista em ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa: uma abordagem interacional – UFPA. Mestranda do Programa de Pós-graduação em ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas – UEPA. Pesquisadora do GELPEA/UEPA. E-mail: treicycastro15@gmail.com
[2] Drª. em Semiótica e Linguística Geral/USP. Docente e pesquisadora da UEPA. E-mail: socorro_cardoso@yahoo.com.br

Ao abordar a Era Digital, CASTELLS (2015) traz o conceito de Sociedades Informacionais, em que o desenvolvimento tecnológico é o pilar da produção econômica e das relações em sociedade. O autor também destaca a relação indissolúvel entre a comunicação e a informação, demonstrando a relevância do campo científico da Ciência da Informação para a sociedade em que vivemos. Além de mencionar a comunicação da informação, mediante a web, como fator chave no empoderamento político e social de grupos minoritários. Nesse contexto, as ferramentas tecnológicas, associadas ao ensino, que, por certo tempo, eram distantes da realidade de muitos e, até mesmo, desconhecidas por um quantitativo significante de docentes, hodiernamente, tornaram-se instrumentos imprescindíveis para o ensino-aprendizagem, mediando as relações como instrumentos necessários para o posicionamento social e para o empoderamento dos docentes bem como dos discentes.

Forçadamente, saímos nossa zona de conforto e adentramos num ambiente novo, que nos exigia habilidades as quais, durante até certo tempo, eram vistas como desnecessárias por alguns colegas de profissão. Afinal, manusear ferramentas digitais não é tarefa fácil, sobretudo em um contexto histórico marcado por uma pandemia. Esse estudo surge como um auxílio para o docente, a fim de proporcionar uma ferramenta para o seu trabalho com a tecnologia em sala de aula, por meio de um aplicativo que apresenta propostas metodológicas as quais dialogam com a docência, a tecnologia, os multiletramentos e a discursividade.

Ademais, o trabalho em questão surgiu, também, de inquietações acerca de como o espaço escolar está trabalhando os multiletramentos como práticas sociais e discursivas. Nesse estudo, ressaltamos a necessidade de projetos educativos que discutam temas sociais os quais extrapolem os muros da sala de aula, a fim de contribuir à prática cidadã – função basilar da escola. Diante de um cenário discursivo marcado por diversos conflitos, vê-se emergir construções ideológicas as quais apontam para a necessidade de discutir as problemáticas sociais na escola, a fim de formar o pensamento crítico dos discentes e contribuir para a formação de uma sociedade mais equânime e tolerante.

Nessa pesquisa, direcionada para o ensino-aprendizagem e para a análise discursiva de práticas educativas, propõe-se a construção de uma docência voltada à formação crítica do discente, direcionando-se, sobretudo às aulas de língua materna, em que se tem a leitura e a escrita como instrumentos primordiais. Partindo dessa explanação, este estudo levanta o seguinte problema: **Quais as dificuldades enfrentadas pelos professores de Língua Materna do Ensino Médio ao trabalhar em suas práticas pedagógicas temáticas voltadas aos multiletramentos e à discursividade?**

Diante do exposto, é importante pontuar o contexto histórico, político e social em que estamos imersos – um cenário de crise, intensificado pela Pandemia, que influencia nas atitudes dos sujeitos sociais – para refletir acerca dos discursos que atravessam a instância enunciativa. Nesse ínterim, faz-se necessário levar às salas de aula os acontecimentos que formam a sociedade hodierna, destacando as problemáticas que enfrentamos quanto à luta pela sobrevivência em um contexto de

pandêmico, pela preservação da dignidade humana e contra a desigualdade social. Tais acontecimentos estão presentes na memória discursiva e são, constantemente, reatualizados nos discursos políticos-midiáticos.

O objetivo geral é elaborar um aplicativo para o auxílio do docente na produção de aulas com temáticas direcionadas às práticas discursivas e aos multiletramentos. E os objetivos específicos são: **i**dentificar quais as principais dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar com as TICs em sala de aula; propor um aplicativo midiático para auxiliar o professor na elaboração das aulas; analisar de que maneira os professores estão trabalhando os multiletramentos e a discursividade nas aulas de Língua Materna e refletir sobre o papel do docente frente à pandemia.

Como produto deste estudo, temos o aplicativo "Nas Entrelinhas da Era Digital", o qual surge como um espaço de conexão entre docentes e discentes, além de ser uma ferramenta que aproxima o professor da tecnologia e, por conseguinte, da realidade dos alunos – os nativos digitais. O aplicativo foi desenvolvido com o auxílio do tecnólogo em análise e desenvolvimento sistemas Raphael Gregg[3]. Saliento que sem o diálogo com o Raphael, não conseguiria elaborar o aplicativo conforme havia planejado, sua escuta atenciosa e sua competência tornaram o meu trabalho mais leve e prazeroso. No decorrer das nossas reuniões, para o planejamento da estética e do conteúdo que eu gostaria de inserir na plataforma digital, aprendi muito com ele, o êxito deste produto só foi possível graças a sua contribuição.

O aplicativo servirá de suporte para o docente, a fim de trazer para a sua rotina maior contato com as ferramentas tecnológicas, aproximando-o da realidade dos discentes e auxiliando-o na prática dos multiletramentos nas aulas de língua materna. Nas seções presentes nessa pesquisa, direcionada para o ensino-aprendizagem e para a análise discursiva de práticas educativas, dialogaremos acerca dos desafios enfrentados pela classe docente.

---

[3]Raphael Gregg Evellyn Samercovisck Sousa Barbosa. Tecnólogo em análise e desenvolvimento sistemas Raphael Gregg, formado pela Universidade da Amazônia – UNAMA. E-mail: raphaelgregg@gmail.com

Metodologia

A metodologia do presente projeto é de cunho qualitativo, método que contribui para melhor compreendermos fenômenos individuais, os processos organizacionais e políticos da sociedade. A fundamentação teórica que subsidiará as reflexões aqui presentes advém de autores que trazem como matriz teórica e filosófica o materialismo histórico e dialético, entre estes autores estão: SAVIANI, LURIA (1979), LEONTIEV (1978) e VIGOTSKI (2000). Nessa perspectiva, vale pontuar que apresentaremos ideias que perpassam entre as concepções de homem, de educação e de trabalho, tendo como aspecto fundante a ideia de escola como responsável pela socialização do saber sistematizado.

Outrossim, utilizamos como recorte teórico-metodológico, os instrumentos propostos pela Análise do Discurso Francesa (MAINGUENEAU, 1997, 2005, 2005a e 2008) e as reflexões sobre Multiletramentos e TICs presentes em ROJO (2013). Também haverá uma abordagem em torno da teoria do Letramento Social, de STREET (2014). Afirma-se que a pesquisa tem como método de abordagem o dialético. De acordo com Platão (1993), a dialética é a arte e técnica de questionar e responder algo, ou seja, irá procurar caracterizar os aspectos imprescindíveis da transmissão de saberes a partir da oralidade, a realidade do espaço escolar, por intermédio de estudos das informações e observações, fazendo uso de descrição, classificação e análise.

Para a coleta de dados, realizamos questionários e entrevistas com doze professores de Língua Materna do Ensino Médio – de acordo com os aspectos éticos – para tanto, utilizamos a plataforma Google Formulários e o aplicativo de videochamada Google Meet. Cinco professores trabalham em escolas particulares, quatro em públicas e dois atuam em instituições públicas e privadas de ensino, são sete entrevistadas mulheres e cinco entrevistados homens. A maioria dos entrevistados trabalha em escolas que também sou professora, desse modo, ressalto que ao realizar a seleção dos docentes, pensei quanto à acessibilidade do diálogo e do contato com os profissionais, já que eu gostaria que eles analisassem o meu produto.

Como aporte teórico para subsidiar o desenvolvimento metodológico, optamos em estudar as propostas de Eva Maria Lakatos – Fundamentos de Metodologia Científica. Ademais, salienta-se que foi realizada pesquisa bibliográfica em livros, teses, dissertações e periódicos especializados. Realizou-se fichamentos das obras.

Concluídas estas etapas, a pesquisa se encaminhou em torno de artigos e ensaios que contribuíram para os objetivos propostos. Por fim, elaboramos um aplicativo, o qual apresenta planejamentos de aulas que dialogam discursividade e multiletramentos, a fim de contribuir à prática docente. A elaboração do produto passou por quatro etapas: engenharia de requisitos, em que realizamos a coleta de todas as funcionalidades e regras do aplicativo; prototipação do Layout: momento em que levei todas as ideias que tinha para a estética do aplicativo, planejamos o desenho do layout; desenvolvimento código fonte: nesta etapa, cria-se a escrita do código fonte do

aplicativo; elaboração dos conteúdos (por meio de planos de aulas e gravação de videoaulas), por fim, a publicação na Playstore. Realizei reuniões mensais com o Raphael Gregg – durante o primeiro semestre de 2021 – para conseguir materializar as ideias e transformá-las em conteúdo digital acessível aos docentes.

1 Discurso e sala de aula: uma combinação possível

Sabe-se que os estudos sobre o discurso romperam com diversas concepções acerca da linguagem e introduziram a necessidade de dissociar a ideia de que apenas a língua isolada de seu contexto de produção era um objeto passivo de ser estudada pela Linguística. Apesar de reconhecer os postulados primorosos de SAUSSURE (1995), os estudiosos do campo dos estudos do discurso abordam a língua como um fato social, a qual pauta sua existência no próprio processo enunciativo.

Nesta perspectiva, segundo BRANDÃO (2004), inicia-se a composição de uma teoria do enunciado. Nesse novo horizonte, as reflexões propostas pelo círculo de Bakhtin conferiram um lugar de destaque à enunciação enquanto realidade da linguagem. A visão de linguagem como interação social, em que o Outro desempenha papel fundamental na construção do significado, associa o ato enunciativo individual ao evento social, isto é, revela a indissociabilidade existente entre a linguagem e a prática social.

Desse modo, evidencia-se a necessidade de inserir as práticas discursivas como instrumentos das aulas de língua materna, a fim de que o docente não se limite ao ensino da língua enquanto sistema abstrato e fechado em si mesmo. Nesse viés, compreende-se, neste estudo, a importância de trazer para a ferramenta disponibilizada ao professor – o aplicativo – um enfoque que permita o diálogo entre o linguístico e o social.

Nesse contexto, conforme aponta BRANDÃO (2004), a linguagem enquanto discurso não forma um universo de signos que tem utilidade somente como elemento de comunicação ou suporte de pensamento, perspectiva funcionalista, mas a linguagem enquanto discurso e interação, uma maneira de produção social, não neutra, não inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação das ideologias.

Nesse sentido, ao trabalhar o discurso em sala de aula é importante associar o conteúdo ao contexto político, histórico e social em que estamos imersos: um cenário de constante conflito ideológico, uma pandemia, que descortina todas as desigualdades, desencadeando uma crise sanitária e política no país. Nessa perspectiva, consideramos aqui a linguagem também como lugar de conflito e de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora do contexto social em que o discurso é produzido, visto que os processos os quais a constituem são situados histórico e socialmente. Como sujeitos sociais, alunos e professores também são atravessados por essas desordens, por isso, trazer às aulas discussões que envolvam as práticas discursivas e possibilitem

ao aluno compreender os discursos que o atravessam torna-se substancial para a formação de um aluno-cidadão.

É neste cenário que surge a necessidade de critérios mais precisos para delimitar o campo da Análise do Discurso Francesa – ADF – a fim de se chegar a sua especificidade, para isso, segundo destaca MAINGUENEAU (1997), será imperativo considerar outras dimensões: o quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitam fortemente a enunciação; os embates históricos e sociais que se cristalizam no discurso; e o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso.

Diante disso, destacamos que a linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, enquanto formação linguística a exigir de seus usuários uma competência específica, mas como formação ideológica, a qual se manifesta por meio de uma competência socioideológica. É nesse interim que alguns conceitos da ADF precisam ser salientados tais como: a ideologia e o discurso.

1.1 Caminhos entre ideologia e discurso

De acordo com BRANDÃO (2004), há dois grandes paradigmas que virão influenciar a corrente francesa de AD são: o conceito de ideologia, de Althusser, e as ideias sobre o discurso de Foucault.

Conforme CHAUI (1981), o termo "ideologia" criado pelo filósofo Destrutt de Tracy, em 1980, na obra *Elements de idéologie*, nasceu como sinônimo da atividade científica que procurava analisar a faculdade de pensar. Posteriormente, segundo a autora, para Marx a ideologia incorporou uma carga negativa, passou a ser vista como um instrumento de manipulação, a expressão da classe dominante.

Posteriormente, o filósofo marxista ALTHUSSER (1970) concebe a ideologia como imaginário, que vai mediar a relação das pessoas com suas condições de existência. No que se refere à produção econômica, devido à ideologia, os sujeitos se percebem livres e com condições de alcançar posições mais altas na hierarquia social, todavia, não se percebe que o sistema capitalista os conduz a ocupar uma determinada função nas relações de produção - ou de exploração.

ATLHUSSER (1970) afirmar que, para manter sua dominação, a classe dominante gera mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. Para ele, a ideologia é a maneira pela qual os homens vivem a sua relação com as condições reais de existência, portanto, existe sempre em um aparelho e na sua prática ou nas suas práticas. Compreende-se que a existência ideológica é material, pois as relações vividas, nela representadas, envolvem a participação individual em determinadas práticas e rituais no interior de aparelhos ideológicos concretos. Devemos considerar que a ideologia se materializa nos atos

concretos, assumindo com essa objetivação um caráter moldador das ações. Esta questão leva Althusser a concluir que a prática só existe numa ideologia e por meio de uma ideologia.

Destacam-se os efeitos dos sentidos que a ideologia exerce nos enunciados, portanto, cabe analisar a influência de fatores extralinguísticos na formação dos sentidos dos enunciados. É importante frisar que para ALTHUSSER (1970) a ideologia tem o papel de sobredeterminar o sentido da ação social, na proporção em que ela interpela o indivíduo como sujeito, ou seja, na medida em que o indivíduo se torna assujeitado pela ideologia. Ressalta-se que essa interpelação ocorre em conformidade com as transformações sociais ou ideológicas de determinado contexto histórico, com a luta de classes e com a resistência dos indivíduos.

Nesse sentido, percebemos que os pensamentos de Althusser (1970) influenciam diretamente na construção da teoria do discurso de Pêcheux (1997) que em seus estudos, relata que o processo de produção discursiva foi concebido como "uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que o sujeito-estrutura (ideologia) determina os sujeitos como produtores do discurso" (PÊCHEUX, 1997, p. 311).

PÊCHEUX (2009) introduz a questão das condições de produção discursiva e, dessa forma, a questão do sujeito em sua teoria do discurso. Partindo da premissa de que "a língua como sistema se encontra contraditoriamente ligada, ao mesmo tempo à história e aos sujeitos falantes" (PÊCHEUX, 2009, p. 20), ele recorre à concepção materialista da história reelaborada por Althusser para mostrar que a ideologia produz efeitos nos enunciados.

No que tange às questões apresentadas, PÊUCHEUX (2009) aborda em sua tese que a ideologia ou as formações discursivas interpelam os indivíduos em sujeitos do discurso elaborando efeitos do sentido em seus enunciados, e reconhece a necessidade de se considerarem os efeitos da luta de classes nas práticas discursivas.

Cabe destacar que com base nos estudos de FOUCAULT (2005), nas sociedades em geral nem tudo pode ser dito por todos, há métodos de exclusão e interdição que delimitam a produção discursiva: os dizeres são regulados por forças que os orientam e os determinam.

Tais aspectos são postos em evidência no ambiente escolar, visto que quando o aluno não é formado exercer a sua prática cidadã ele aparece como o sujeito assujeitado, o letramento social e os estudos do discurso possibilitam um caminho a ser percorrido pelo docente para mediar o processo de transformação desse sujeito em sujeito do seu próprio discurso, aspecto fundante para a construção do aluno-cidadão.

1.2 Sujeitos reais, salas virtuais

Verifica-se que, no contexto da Análise do Discurso Francesa, o sujeito é dinâmico e atravessado por conflitos. A linguagem será para o sujeito, a realização social de sua subjetividade, isso é, a possibilidade de se revelar e representar no mundo. A subjetividade pode ser considerada

como a capacidade do locutor se propor como sujeito do seu discurso, sendo que essa subjetividade se expressa no exercício da linguagem.

Sabemos que a Análise do Discurso redefine a noção de sujeito, trazendo-a de volta para o centro das discussões sobre a linguagem. O sujeito da ADF é definido como um sujeito social construído no universo discursivo. PÊCHEUX (1969) afirma que o sujeito não é dono de seu discurso, portanto, a ADF não dialoga com a ideia de que o sujeito é sempre intencional e tem a liberdade para falar o que quer; pelo contrário, o sujeito é ancorado tanto pela ordem da linguagem como pela ordem sócio-histórico-ideológica, estas pautam a construção discursiva do sujeito.

Segundo BRANDÃO (2004), a Análise do Discurso considera o caráter contraditório do sujeito marcado pela incompletude, isto é, pela vontade de "querer ser inteiro". Destarte, numa relação dinâmica entre identidade e alteridade, o sujeito é mais a contemplação do outro. Percebe-se, então, que o centro da relação não está nem no **eu** nem no **tu**, mas no espaço discursivo criado entre ambos, no **nós**.

Ressaltamos que para PÊCHEUX (1983), o discurso-outro, enquanto presença virtual na materialidade descritível da sequência, marca, do interior desta materialidade, a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico. Assim, compreendemos que todo discurso é atravessado por um outro discurso com o qual mantém uma relação de proximidade ou de distanciamento, porém, esse outro sempre está ali, por trás das formações discursivas, evidenciando-se nas práticas sociais. Mesmo sabendo que esse outro é parte constitutiva do discurso, é necessário salientar que cada um apresenta uma singularidade, a qual o difere de outros discursos os quais o antecederam e daqueles que virão a posteriori.

De acordo com BAKHTIN (1980), o sujeito só se completa na interação com o outro, toda a parte verbal de nosso comportamento (quer se trate de linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isoladamente. Desse modo, observamos, nesta pesquisa, a partir das narrativas dos docentes, esse afastamento do outro no período de aulas virtuais, assim como a baixa interação dos discentes, problemática que acarretará consequências para os próximos anos de vida escolar.

Nesse ínterim, cabe destacar que a sala de aula é o local de encontro dos sujeitos aluno e professor. Esse ambiente sofreu diversas alterações, principalmente durante a pandemia, passando a ser constituído por telas de celular e de computador – em muitos casos, deixa até de ser existente devido à ausência de acesso a aparelhos eletrônicos por parte de muitos discentes. Compreendemos que a relação dinâmica entre identidade e alteridade é essencial para a prática docente, está presente no contexto escolar e não deve ser perdida no ensino remoto, visto que a troca de saberes se dá sempre nesse contato com o **outro**. Entretanto, faz-se necessário o

desenvolvimento de estratégias metodológicas para a manutenção da relação de dinamicidade e de alteridade, principalmente nas aulas on-line.

2 Ressignificando saberes: Letramento social e prática docente

Ao abordar o letramento, as práticas sociais dos sujeitos e seus desencadeamentos, pesquisas pontuam que esse termo vem sofrendo ressignificações devido às transformações históricas, ideológicas e sociais. Tais aspectos revelam que o papel da escola é ampliar o letramento dos alunos, para que estes possam desenvolver capacidades de leitura e de escrita em diversos contextos sociais, visando ao exercício da prática cidadã.

Brian Street, professor do *King's College* de Londres, é um dos maiores investigadores de novos estudos do letramento. Ele representa parte da tendência atual rumo a uma consideração mais ampla do letramento como práticas sociais, focalizando a natureza social da leitura e da escrita, além do caráter múltiplo das práticas letradas, valendo-se de perspectivas transculturais.

O autor critica, com base em discussões anteriores sobre os efeitos cognitivos do letramento e da visão dicotômica entre fala e escrita, a concepção dominante que reduz o letramento a um conjunto de capacidades cognitivas, que pode ser medida nos sujeitos. STREET (2014) denominou tal modelo interpretativo de "autônomo". Expressões comuns como "grau de letramento", "nível de letramento" ou "baixo letramento" revelam essa concepção autônoma, centrada no sujeito e nas capacidades de usar apenas o texto escrito.

STREET (2014) afirma que as avaliações em rede, as políticas públicas de desenvolvimento da leitura, os concursos públicos e os exames vestibulares são bons exemplos de ações sociais que mobilizam e legitimam tal concepção, uma vez que se baseiam na crença da possibilidade de "avaliação" do letramento dos sujeitos. O foco central está na análise das capacidades cognitivas individuais dos sujeitos ao lidar com textos escritos.

Além de que as instituições, o texto, os sujeitos são tratados de forma homogênea, independente do contexto social. O maior esforço, então, consiste em avaliar o que os sujeitos sabem sobre alguns textos escritos, com raras preocupações sobre como as pessoas usam e o que fazem com eles em diferentes contextos históricos e culturais.

As discussões propostas por STREET (2014) mostram que os sujeitos estão imersos em um "armazém de conceitos, convenções e práticas", ou seja, vivemos em práticas sociais concretas em que diversas ideologias e relações de poder atuam em determinadas condições, especialmente se levarmos em consideração as culturas locais, questões de identidade e as relações entre os grupos sociais.

Assim, em oposição ao modelo autônomo de letramento, Street defende um "modelo ideológico", para compreendermos o letramento em termos de práticas concretas e sociais. Nesse contexto, cabe ressaltar que práticas letradas são produtos da cultura, da história e dos discursos,

por isso, o nosso aplicativo traz como elementos fundamentais as práticas de leitura e de escrita, a fim de que sejam associadas às vivências dos discentes.

2.1 Letramento como prática social

Ao abordar o letramento como prática social tem-se a necessidade de dialogar o ensino e a aprendizagem com o discurso. Entende-se que, na contemporaneidade, não se pode mais conceber o ensino de língua desassociado à materialidade discursiva e ideológica.

Nesse sentido, é válido destacar que existem falhas graves no modo como o letramento é tratado nos debates públicos. Principalmente, quanto à criação de falsas esperanças em torno do que significa a aquisição do letramento para perspectivas de trabalho, de mobilidade social e de realização pessoal. De acordo com STREET (2014), estudos recentes têm mostrado que quando se trata de conseguir emprego, o nível de letramento é menos importante do que aspectos de classe social, gênero e etnia: o baixo letramento é mais provavelmente um sintoma de pobreza e de privação do que uma causa.

É imprescindível ter a Leitura como objeto de transformação. É por meio dela que suscitaremos o empoderamento e fomentaremos o diálogo em todas as instâncias sociais. Nesse viés, cabe pontuar o triângulo interdisciplinar que envolve o letramento social: a combinação assimétrica de estudos da língua, os estudos sociais e os estudos culturais. O letramento deve existir para a mudança social, por isso, é essencial focar no contexto social de desenvolvimento de programas de letramento. Urge lembrar que o letramento é prática ideológica, nesse sentido, nem a teoria nem a prática podem se divorciar de suas raízes ideológicas.

Nesse sentido, compreendemos que o letramento social vai além do ato de ler e de escrever, ele traz à tona uma necessidade real da contemporaneidade: interagir com a leitura e com a escrita dentro e fora do contexto escolar, a fim de cumprir com as exigências atuais da sociedade, ou seja, o discente que sabe fazer uso da leitura e da escrita como práticas sociais.

Desse modo, observamos a necessidade de um modelo de letramento mais “autônomo”, que envolva abordagens sociais e culturais, construindo o letramento que direciona o ensino e a aprendizagem para a prática social. A partir disso, compreendendo a necessidade do letramento social, é esta prática que buscamos seguir durante a elaboração do produto desta pesquisa, traçando um diálogo entre a tecnologia com conteúdos que estão presentes na realidade do aluno, de modo que o docente se conecte com ele, tornando o ensino e a aprendizagem dinâmicos e possíveis.

3 Entre multiletramentos, discursos e prática docente

Em primeiro foco de análise, é válido pontuar que os estudos a respeito dos multiletramentos não são recentes e circulam nos espaços acadêmicos brasileiros há algum tempo, porém, observam-se desencontros e incompreensões entre o que o Grupo Nova Londres – GNT –

(COPE; KALANTZIS, 2010a, 2010b) apresenta e os contextos da práxis docente, sobretudo nos novos contextos de atuação docente.

Destaca-se que o GNL em 1994 (COPE; KALANTZIS, 2010a), ao propor uma pedagogia dos multiletramentos, apresentou como debate inicial o questionamento sobre as transformações paradigmáticas, principalmente, nos campos econômico e tecnológico. O Grupo explicou que estavam ocorrendo mudanças em todo o mundo, logo, práticas docentes não poderiam mais estar embasadas nas mesmas concepções, desse modo, "[...] para seguir essas mudanças, o ensino e a aprendizagem dos letramentos também tinham que mudar" (COPE; KALANTZIS, p. 55, 2010a). Nesse viés, salienta-se que os teóricos constroem sua teoria em três questões estruturantes: o que, por que e como construir uma pedagogia dos multiletramentos?

Entende-se que o termo multi refere-se a dois aspectos substanciais para reflexão: 1) sobre as múltiplas linguagens cada vez mais evidentes na Era Digital; e 2) sobre as múltiplas culturas e línguas cada vez mais hibridizadas devido ao contexto de globalização sociocultural e econômica, que estreitavam – e ainda estreitam – os processos de tradução cultural (COPE; KALANTZIS, 2010a, ROJO, 2012). Decerto, essas proposições apresentadas pelo GNL eram e continuam a ser relevantes no contexto do ensino e da aprendizagem de língua, todavia, urge a necessidade de se considerar a realidade epistêmica e cultural na qual esses pesquisadores desenvolveram os seus estudos, a qual se difere demasiadamente da brasileira.

Sabemos que os estudos da linguagem têm, por meio dos estudos do discurso, a possibilidade e a responsabilidade de dar a conhecer, de outra perspectiva, o homem, a história e a sociedade. Desse modo, o exercício da função enunciativa, suas condições, suas regras de controle e o campo em que ela se realiza estão no centro das reflexões dos estudos do discurso, na medida em que entre o enunciado e o que ele enuncia não existe somente relação gramatical, lógica ou semântica; há uma relação que envolve os sujeitos, que passa pela história e que marca a própria materialidade do enunciado. MAINGUENEAU (2005, p. 15-19) afirma que o discurso é uma "dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas (...), um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação".

Dessa maneira, para o autor o discurso é um objeto de estudo linguístico e histórico, sendo socialmente constituído, contribui para a construção das identidades dos sujeitos sociais, deste modo entendemos que o discurso está diretamente relacionado às transformações sociais, por isso, é uma ferramenta essencial para as aulas de língua materna.

Para MAINGUENEAU (1997), a teoria do discurso não é uma teoria do sujeito antes que este enuncie, mas uma teoria da instância de enunciação que é, ao mesmo tempo e intrinsecamente, um efeito do enunciado. Esta instância de subjetividade enunciativa, pontuada por Maingueneau,

possui duas faces: por um lado, ela constitui o sujeito em sujeito de seu discurso, por outro ela o assujeita.

Partindo das convicções ideológicas que atravessam a realidade do sujeito inserido no atual contexto sociocultural, verifica-se a importância da inserção dos multiletramentos e da discursividade no ambiente escolar – físico ou virtual –, a fim de que o discente esteja preparado para analisar criticamente os discursos que o atravessam nas diferentes instâncias enunciativas, seja nas redes sociais, nas charges políticas, nas matérias das revistas, nas entrevistas televisivas, nos artigos ou nos comentários produzidos pela mídia, tais materialidades podem ser expostas em sala para os alunos se apropriarem dos discursos, fazerem as leituras e as devidas inferências.

No contexto político-midiático, como em outros espaços discursivamente constituídos, diferentes discursos entrecruzam-se, chocam-se, mas também se completam na produção de cenas enunciativas. É nesse conflito, nas contradições ali refletidas e refratadas, que as ações discursivas se instauram e que o sujeito docente se constitui.

Por fim, como sugestão para os docentes, cabe destacar como tratar a perspectiva teórico-conceitual sobre o sentido da democracia e das desigualdades para a política, afinal, tais aspectos podem ser uma ferramenta imprescindível para direcionar às aulas para a formação da cidadania. Pretende-se colocar em desenvolvimento pesquisas empíricas sobre diversos recortes da sociedade brasileira, discutindo as implicações da desigualdade social para o desenvolvimento democrático.

4 Multivozes conectadas: diálogos entre docentes e tecnologia

Na primeira fase da pesquisa, durante os meses de junho e julho de 2021, entrevistei os professores por intermédio do Google formulários – um aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo Google. Neste momento, selecionei 14 perguntas aos docentes, as quais estavam divididas em 4 blocos. No primeiro, as perguntas eram referentes ao perfil, à formação e à atuação profissional, visto que gostaria de conhecer o perfil dos profissionais, a fim de refletir acerca das suas atuações. No segundo, pergunto sobre a formação do docente, visando compreender a sua realidade, além de saber se, durante a trajetória acadêmica, ele teve contato com disciplinas que abordem discursividade, multiletramentos e tecnologia. No terceiro, faço perguntas acerca da utilização de TIC's e participação dos alunos no ensino remoto. No último bloco, dialogamos sobre as dificuldades e os desafios de ser um professor em um cenário de pandemia.

A segunda fase de entrevistas ocorreu nos meses de outubro e novembro 2021, os docentes foram entrevistados através da ferramenta Google Meet – aplicativo de videochamada do Google. As entrevistas aconteceram de forma virtual, devido ao cenário da pandemia de Covid-19. Neste momento, selecionei cinco perguntas que tinham como objetivo saber qual avaliação os docentes fizeram do aplicativo e se, a partir de agora, a plataforma seria uma ferramenta que eles selecionariam para as aulas mesmo fora do ensino remoto.

Nesta seção, apresento alguns dos dados que obtive. Mantendo os parâmetros éticos que permeiam a pesquisa e para proteger a identidade dos sujeitos desse trabalho, codifiquei seus nomes com referências a autores da literatura que admiro.

Na 5ª pergunta do nosso questionário, indagamos se os docentes, durante a formação acadêmica, tiveram contato com disciplinas que abordavam práticas de ensino atreladas aos multiletramentos e à discursividade. Entre os entrevistados, quatro afirmaram a ausência total da aplicabilidade das teorias estudadas durante as aulas da graduação. Seis afirmaram ter contato com a teoria, porém, sem a percepção prática. E um professor não compreendeu o termo "multiletramento". Nesse sentido, o relato do professor Rosa me chamou atenção "Durante a especialização, tive contato com práticas de multiletramentos, mas, em relação à discursividade, somente na graduação".

Tais informações nos levam a compreender o porquê dos docentes, por vezes, apresentarem dificuldades em ensinar os conteúdos fora do viés tradicional, já que, por vezes, a academia não proporciona ao graduando propostas metodológicas para aplicar a teoria que é aprendida na universidade. Nessa perspectiva, ROJO (2013) afirma que, na contemporaneidade, uma educação linguística adequada a um alunado multicultural se configura, segundo a proposta, como aquela que possa trazer aos discentes projetos de futuro que considerem três dimensões: a diversidade produtiva, o pluralismo cívico (no âmbito da cidadania) e as identidades multifacetadas, desse modo, verificamos a necessidade de uma prática direcionada aos multiletramentos, visto que para ler o mundo criticamente, segundo a autora, devemos compreender as múltiplas formas de letramento e interesses culturais divergentes que informam significações e ações, suas relações e suas consequências.

Ademais, ao perguntar sobre a possibilidade de inserir práticas discursivas nas aulas de língua materna durante ensino remoto, todos responderam positivamente, entretanto, afirmaram também as dificuldades da ausência de diálogo por parte de muitos alunos. Configurando em uma verdadeira metáfora do silêncio que, por vezes, esteve presente no ensino remoto. A professora Clarice relatou que "muitos alunos não dialogavam conosco, não ligam o microfone e nem a câmera, por isso, muitas práticas discursivas se tornam inviáveis". Já a professora Carolina afirmou que consegue inserir as práticas discursivas "por meio dos textos, tendo em vista a leitura, a análise linguística e a produção textual".

O professor Haroldo ratificou que "é possível, sim, abordar as práticas discursivas, por meio de debate, a partir de um tema, de um seminário gravado e editado em vídeo acerca de uma determinada questão social, dentre outros meios". Ressalto aqui o inegável avanço que os Parâmetros curriculares nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trouxeram ao propor o ensino de Língua Materna também através do viés enunciativo-discursivo. Entendendo a língua como um instrumento de poder, urge a necessidade de direcionar as práticas de ensino de

língua à discursividade, por meio da interação entre os sujeitos inseridos na instância enunciativa. BAKHTIN (2003), afirma que é a vivência das mais diversas situações comunicativas que possibilita o contato com uma maior diversidade de gêneros discursivos, tal fato é um exercício para a competência linguística do sujeito produtor de enunciados.

Outrossim, perguntei se, durante a graduação, os docentes tiveram contato com disciplinas que abordavam práticas de ensino atreladas à tecnologia e a maior parte dos docentes afirmou a ausência de instrução quanto ao ensino atrelado à tecnologia durante a graduação.

A partir das respostas dos professores, pude tecer várias reflexões, sobretudo que um dos fatores que ratifica a dificuldade ao se pensar em um ensino de língua voltado aos multiletramentos e à prática discursiva é a ausência de disciplinas que abordem tecnologia e a aplicabilidade de teorias, visto que, infelizmente, a formação docente se dá, em alguns aspectos, ainda de maneira precária.

Questionei aos professores, na 8ª pergunta, se as escolas que trabalham forneceram algum tipo de formação tecnológica durante a pandemia. Seis entrevistados responderam não ter acesso à formação, seis responderam positivamente e, entre eles, a resposta do professor Assis me chamou atenção "a escola ofereceu algumas formações, mas não foram suficientes para aprendizagem e não houve acesso para todas(os) profissionais da rede de ensino".

Posteriormente, ao perguntar aos professores quais recursos tecnológicos utilizaram durante o ensino remoto, todos citaram alguma rede social, as mais presentes foram: WhatsApp, google meet, zoom e google sala de aula. Obtivemos as informações, expostas no gráfico 2 (apresentado no final do trabalho).

Analisamos que as redes sociais possuíram um papel imprescindível durante o ensino remoto, tornando-se espaço de trocas de saberes entre alunos e professores. Nessa premissa, é válido pontuar o papel do docente, o qual é o foco dessa análise, visto que no último ano, todo professor se viu obrigado a se adaptar a "novas" demandas e perspectivas de ensino-aprendizagem. Sabemos que a discussão sobre a importância da tecnologia no ambiente escolar não é recente, entretanto, esperava-se que as salas de aulas virtuais fossem uma realidade futura. De fato, futuro chegou mais cedo e precisamos nos reinventar. Hoje, o docente que não domina as ferramentas tecnológicas dificilmente encontrará espaço no mercado de trabalho.

Quando perguntei sobre os principais desafios do ensino remoto duas respostas me chamaram atenção. A professora Eneida relatou dificuldade em ter disponibilidade para a execução de todas as atividades, pois o ensino remoto demanda mais trabalho. E o professor Dalcídio disse que "teve que aprender tudo de novo". Saliento que, entre os professores entrevistados, Dalcídio é quem tem mais tempo de docência – 40 anos de experiência no ensino básico –, suas respostas ratificaram o quão difícil foi esse processo de adaptação às novas práticas. Nesse cenário enunciativo, reflito que o ensino remoto possui vários entraves como o

aumento da demanda de trabalho, pois muitos professores, como o Dalcídio, precisaram abandonar saberes antigos e aprender novos.

Nesse viés, compreendemos a necessidade de uma prática docente atrelada à tecnologia, porém, associar tecnologia às aulas, durante muito tempo, foi considerado uma realidade distante devido a fatores como a ausência de formação tecnológica docente, a falta de estrutura no ambiente escolar e, em muitos casos, a própria resistência de professores às demandas da Era Digital.

Ao indagar sobre a participação dos alunos nas aulas online, percebemos que a resposta da maioria dos docentes foi regular ou insuficiente, a partir disso, destaco que, mesmo os professores que afirmaram dominar as ferramentas tecnológicas, pontuaram que os discentes participaram regularmente ou de forma insuficiente. Fato que pode ser explicado devido à ausência do acesso à tecnologia por parte de jovens de baixa renda, pela ausência do letramento digital, pelas instabilidades emocionais provocadas pela pandemia e pela ausência de interação com o Outro, já que, como materialidade discursiva e ideológica, o ensino de língua também se dá nesse encontro.

4.1 Nas Entrelinhas da Era Digital: desafios e encontros

A minha pesquisa mudou bastante neste último ano, pois, durante os meus estudos, senti a necessidade de discutir o impacto que a pandemia e o frequente uso de tecnologias trouxeram para o ambiente escolar. Além disso, eu também estava sendo atravessada pelos desafios de ser professora num contexto de pandemia, então, percebi-me, constantemente, reflexiva acerca de como o espaço escolar, de fato, extrapola os muros da sala de aula, afinal, devido ao isolamento, a minha casa, as minhas redes sociais e as dos meus alunos passaram a fazer parte da escola.

Nesse período de isolamento social, percebi o papel imprescindível das salas de aulas virtuais, dos aplicativos, das redes sociais e de todos os espaços que se tornaram ambientes de encontro, de troca, de aprendizado em um momento histórico-político-social extremamente delicado. Assim, surgiu a ideia do produto dessa pesquisa: o aplicativo. Portanto, percebendo que, mesmo fora das paredes da escola, a educação não parou, apenas mudou de formato, resolvi pensar em novas possibilidades para resgatar a dinamicidade e, até mesmo, a troca afetiva que as aulas presenciais proporcionam.

O aplicativo desenvolvido, neste estudo, surge como uma ferramenta para auxilio docente. É intitulado “Nas Entrelinhas da Era Digital”, “Entrelinhas” é uma palavra que me encanta, já afirmava Rubem Alves “Ah! Como as entrelinhas são importantes! É nelas que estão escritas as coisas que só a alma pode entender”. Uma das minhas escritoras favoritas, Clarisse Lispector, uma vez disse que “o melhor ainda não foi escrito, o melhor está nas entrelinhas”, é um vocábulo com muitos significados para mim, também foi o nome que escolhi para o meu espaço de

linguagens, um dos lugares que trabalho, onde consigo colocar em prática meus ideais quanto educadora, muitos dos conteúdos que estão na plataforma nasceram lá, por isso, também é o nome do aplicativo.

Nosso aplicativo está disponível para download na playstore com a denominação "Entrelinhas". Para elaborá-lo, obtive auxilio do Raphael Gregg, que é tecnólogo em análise e desenvolvimento sistemas. Na plataforma, podemos encontrar aulas e materiais em multimídia, os quais abordam práticas de ensino que têm como foco a oralidade e a escrita: eixos substanciais para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Na figura 1(apresentada no final do trabalho), notamos algumas informações que estão presentes no aplicativo em questão.

Ressalto que a ideia de desenvolver o aplicativo surgiu a partir da necessidade de trazer para meus colegas de profissão ferramentas mais acessíveis e que estivessem mais próximas da sua realidade e dos discentes, haja vista que, na contemporaneidade, praticamente, todo mundo possui acesso a algum tipo de smartfone. Destarte, a Era Digital inseriu o celular como um instrumento de ensino-aprendizagem.

Na segunda fase de entrevistas, pude ter um diálogo mais interativo e próximo aos docentes, fiquei imensamente feliz em entrevistar os professores que conseguiram utilizar o aplicativo, compartilhamos experiências e ouvi considerações acerca do produto. A partir da análise prévia e aplicabilidade do produto, fiz os seguintes questionamentos aos docentes:

"Diante das dificuldades que nós enfrentamos durante a pandemia e, sobretudo, quando se analisa essa relação de docente com a tecnologia, você acredita que o nosso aplicativo acredita que o nosso aplicativo conecta o docente às tecnologias da informação e pode ser considerado uma ferramenta pedagógica que auxilia a prática docente?" Todos os docentes responderam positivamente, contudo, as vozes das professoras Conceição e Eneida ecoam na minha memória até o momento, elas relatam que:

> "sim... eu acredito que o aplicativo é uma nova ferramenta e, principalmente, uma ferramenta de fácil acesso para que os docentes possam inovar na sala de aula e tenham outras maneiras de ensinar e não somente as maneiras tradicionais que a gente já conhece." (CONCEIÇÃO, 2021)

> Ele é sim um aplicativo que... ele possibilita a questão do uso para o ensino-aprendizagem... especialmente ali na questão da produção dos textos... e... ele é uma ferramenta que pelo manuseio que eu fiz... pelo uso que eu fiz dele... ele é muito intuitivo... então, ele é muito acessível para os professores... não é algo que demanda um aprofundamento tão complexo para utilizá-lo, ele é super intuitivo... ele é super acessível... tanto pelo professor quanto pra visualidade do aluno também... então... acredito que ele consegue abraçar sim... e... ele tem uma roupagem muito... como eu posso dizer... aconchegante... então, ele traz ali aquela sensação também de um espaço que não é um espaço rígido... sério... sabe... ao mesmo tempo em que sim... você aprende ali conteúdos que são sérios... conteúdos que são da vida e... de uma forma muito portátil mesmo... porque a gente que sabe que a maioria dos nossos alunos... eles acessam, principalmente pelo celular, pelo smartphone, sem tanta necessidade de uma formação ou uma espécie de tutorial tão complexo pra utilizar o aplicativo... (ENEIDA, 2021)

O objetivo do aplicativo era justamente conectar professores sendo um instrumento pedagógico. Ao perguntar se o aplicativo aproxima o docente da realidade do discente, os professores Rosa e Eneida trouxeram as seguintes afirmações

> eu vejo que aplicativo... ele consegue... a::: aproximar a realidade escolar... afinal, nós estamos falando de ensino híbrido... né... então os alunos precisam ter esse acesso à tecnologia pra efetivar esse ensino híbrido... então... a::: eu vejo que o aplicativo ele se aproxima sim dos alunos... e eu vejo que por meio dele... a aprendizagem de fato... ela é efetivada. (ROSA, 2021)

> é... sim... pelo que eu visualizei... ele dá pra gente ter esse contato bem próximo... e muito nesse sentido também de promover a autonomia... eu senti um pouco disso... de promover a autonomia... no sentido de que o professor... ele não precisa estar ali necessariamente... cem por cento... integralmente... com o aluno... ou aluno não pode... não precisa utilizar aquele aplicativo somente quando ele estiver com o professor... né... então promove ali também uma questão de autonomia... ele consegue sim é... fazer é... essa mediação... ele é bem... é... ele promove... eu senti muito essa questão mesmo de autonomia... ao mesmo tempo em que o professor... ele pode sim utilizar junto com o aluno... ele também pode permitir que o aluno... já traga um estudo prévio... e eles façam ali um momento mesmo de discussão, de debate, de detalhamentos, de ajustes... em relação aos caminhos argumentativos... seleção... mas ele junto com o professor e ele consegue fazer com que o professor e o aluno dialoguem de uma forma mais voltada para... os temas de fato... né... os temas em si... (ENEIDA, 2021)

De acordo com Rojo (2013), vivemos a era das linguagens líquidas, por isso precisamos enxergar o aluno em sala de aula como o nativo digital que é: um construtor-colaborador de criações conjugadas na era das linguagens líquidas. Portanto, é preciso que a escola se apresse a preparar os estudantes para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas. Acredito que o nosso aplicativo contempla tais expectativas, pois, conforme visualizamos nas falas dos entrevistados, ele aproxima o docente do discente, além de ser um espaço-discursivo de multivozes.

A segunda pergunta da nossa entrevista questionava se o aplicativo aproxima o docente da realidade do discente. Os entrevistados afirmaram que nós podemos ter esse contato próximo com o aluno por meio do aplicativo. De acordo com a professora Clarice:

> é... sim... pelo que eu visualizei... ele dá pra gente ter esse contato bem próximo... e muito nesse sentido também de promover a autonomia... eu senti um pouco disso... de promover a autonomia... no sentido de que o professor... ele não precisa estar ali necessariamente... cem por cento... integralmente... com o aluno... ou aluno não pode... não precisa utilizar aquele aplicativo somente quando ele estiver com o professor... né... então promove ali também uma questão de autonomia... ele consegue sim é... fazer é... essa mediação... ele é bem... é... ele promove... eu senti muito essa questão mesmo de autonomia... ao mesmo tempo em que o professor... ele pode sim utilizar junto com o aluno... ele também pode permitir que o aluno... já traga um estudo prévio... e eles façam ali um momento mesmo de discussão... de debate... de detalhamentos... de ajustes... ou então de caminhos argumentativos... seleção... mas ele junto com o professor também... ele é um material que ele consegue sim ser de fácil compartilhamento... e ele consegue fazer com que o professor e o aluno dialoguem. (CLARICE, 2021)

Entendendo que a prática de ensino-aprendizagem tem como demanda urgente a promoção da autonomia do aluno, a fala da professora Clarice é muito pertinente. Destaco que um dos

objetivos do nosso aplicativo era possibilitar a interação entre os sujeitos mesmo que virtualmente. A professora Conceição trouxe a seguinte afirmativa quanto à pergunta em questão:

> sim... acredito que sim... o celular e os aplicativos... eles são uma realidade muito presente na vida dos alunos... é muito difícil a gente encontrar um aluno hoje que não tenha acesso é... pelo menos a um celular... e muitas vezes ele não tem acesso a uma internet de qualidade pra fazer um download de um vídeo extenso... mas o aplicativo... ele tá muito mais fácil pro aluno acessar... e::: por isso o professor... ele fica mais próximo desse aluno e consegue atingir uma grande parte né... um grande número de alunos... (CONCEIÇÃO, 2021)

Dessa forma, de acordo com BAKHTIN (2011), cabe destacar que, ao trabalharmos com culturas juvenis, devemos compreender a "cultura" como "tecido discursivo" múltiplo e "polifônico", de maneira a acessar uma compreensão possível das relações que os jovens estabelecem entre si e com os outros. Nessa perspectiva, ressalto que o aplicativo desenvolvido neste estudo possibilita não só considerarmos as "narrativas juvenis", mas dar espaço para que uma "multiplicidade/ polifonia" de vozes juvenis possam emergir, permitindo que os professores e alunos "dialogicamente" construam relações e estabeleçam trocas mesmo de maneira virtual.

A terceira pergunta focava nas abordagens teóricas: De acordo com os nossos diálogos acerca dos multiletramentos, das práticas discursivas e da importância das TICs, você acredita que o nosso aplicativo possibilitou o diálogo entre essas abordagens teóricas? A partir desse questionamento as respostas dos professores Rosa e Eneida me chamaram atenção:

> sim... principalmente... eu vejo que aplicativo... ele dialoga diretamente com a perspectiva do multiletramento... com a necessidade de refletir sobre os tics... as tics... a::: e também sobre essas práticas discursivas... eu vejo que aplicativo... ele dialoga com essa era digital... essa era dois ponto zero... onde o professor... ele precisa ter essa perspectiva... a::: pra que ele possa aproximar o aluno dessa realidade... da atualidade... da modernidade... então eu vejo que essa teoria... ela se faz presente... a partir do momento em que essa pesquisadora tem como produto o aplicativo... então a partir dessa reflexão da criação do aplicativo... a teoria dos multiletramentos... a teoria da discursividade de fato... ela já está sendo aplicada... afinal... a::: o aplicativo entrelinhas... ele é direcionado também à produção textual... então ter esse olhar pra produção textual é fundamental, afinal, a produção textual faz parte de um dos eixos do ensino de língua materna... então, eu vejo que a teoria ela é de fato efetivada no produto... (ROSA,2021)

> ah... sim... também consegui perceber... a questão ali das práticas discursivas também... fica muito evidente a questão da escolha dos repertórios... né... da escolha das temáticas... dos vídeos abordados... a gente percebe ali uma questão das práticas discursivas... relacionado a um posicionamento ideológico... né... que leva ali a esse pensar... as temáticas abordadas... é... buscando mesmo esse processo de alteridade... e ali... em relação aos multiletramentos... a gente também consegue ver muito... a questão de como fica multisemiótico... poderia dizer assim... porque a gente tem a questão visual... a gente tem a questão verbal... a gente tem a questão sensorial ali... auditiva... e, por vezes, a gente tem ali... né... em alguns momentos... a gente chega a ter ali... a questão/ e de resgate mesmo de memórias através de conteúdos que, até então, são vistos muito socialmente como entretenimento... a exemplo do filme né... a gente vê muito essa questão dos filmes... das produções artísticas como uma questão de entretenimento... e quando a gente coloca isso num espaço de aprendizagem... como foi o caso lá no aplicativo... e depois a gente leva isso pra uma abordagem lá... com um tema da produção textual... falando sobre as questões... a gente observa como nada... nada é à toa... nada se produz à toa... e apenas para a finalidade de entretenimento... né... que aquilo ali tem práticas discursivas... que partir de uma outra linguagem busca sim fazer com que o leitor... ele perceba questões históricas... sociais... educacionais... comportamentais... e... eu percebi muito isso lá com a questão do filme e depois com a

> discussão temática lá sobre as questões psíquicas... né... então, sim... e... e... as questões de multiletramentos mesmo... né... a questão da manualidade... da usualidade do aplicativo... a gente também consegue perceber isso... essa questão do letramento digital... né... que é uma linguagem que a gente não acessa muito... e aí falando dos alunos mesmo... a gente vê que são dados... é... que a gente tem aí comprovados... a gente utiliza muito pra finalidade de redes sociais... pra finalidade de aprendizado... não é algo tão recorrente... mas é algo que muito em voga agora em razão da pandemia... do cenário de covid-19... em razão dos processos seletivos também... né... estarem dispostos agora de modo on-line... principalmente pra atender esses demandas... e aí a gente consegue perceber sim essa questão dos multiletramentos... focando essas tecnologias da comunicação e da informação... pro espaço de aprendizagem... que ele pode ser tanto em conjunto... como eu percebi lá... o professor com o aluno... ou entre os alunos, né... grupos de alunos... ou o aluno individualmente... então, tem sim... muito a questão do letramento ali... e ressignificado... a questão das práticas discursivas... ressignificado... porque a gente já tinha isso em outros ambientes... a gente já tinha isso em outros momentos da história... mas não com essa roupagem... não com essa estrutura... mas agora o gênero ressignificado... (ENEIDA, 2021)

As falas dos docentes contribuíram demasiadamente para as minhas reflexões durante o final da minha pesquisa. A professora Eneida percebe o aplicativo como um espaço de troca, de alteridade, fato que ratifica o significado de prática docente para mim, pois eu não acredito em docência sem interação, sem alteridade. BRANDÃO (2024) aborda a dinâmica entre identidade e alteridade, o sujeito é mais a contemplação do outro. Nessa perspectiva, destaco que o centro da relação não está nem no professor ou no aplicativo, mas no espaço discursivo criado entre professor e aluno, no **nós**.

Afirmo também que o aplicativo traz práticas de letramento a partir viés de mobilização, tanto do docente quanto do discente, por isso os conteúdos propostos são interativos e almejam a construção do posicionamento crítico, compreendendo as ideologias que nos atravessam. Afinal, o letramento deve existir para a mudança social, por isso, é substancial focar no contexto social de desenvolvimento de programas de letramento. Assim, é importante lembrar que o letramento também é prática ideológica, nesse sentido, nem a teoria nem a prática podem se divorciar de suas raízes ideológicas.

Ademais, é importante entender como nós, professores, constituímo-nos enquanto sujeitos em nossa sociedade, apresentando aos alunos novas ferramentas de aprendizagem, a fim de compreender que representações construímos em nossas aulas, que discursos são proferidos e que ideologias permeiam esses discursos, para possibilitar ao discente um olhar mais crítico à sociedade que o cerca, sobretudo no contexto político brasileiro hodierno.

Na quarta pergunta, questionei se, em um contexto de pandemia, sobretudo durante o ensino remoto, o aplicativo seria uma ferramenta que os professores selecionariam para as suas aulas. Todos os professores responderam que sim, ressalto a resposta da professora Cecília:

> sim... seria sim... principalmente pela questão de sair desse modelo muito comum... porque querendo ou não... se a gente parar pra observar... nas aulas remotas... a gente mudou só o suporte... mas a questão da estrutura da aula ela ainda segue muito... a mesma... em relação ao uso de lâminas... de vídeo... mas ali a gente tem em um só lugar todas as possibilidades... né... e a gente também tem a possibilidade... que é muito voltada pra produção textual... mas a gente consegue perceber a passagem também... porque a gente tem a questão da reflexão... da discussão das temáticas... da questão da

> oralidade... né... vi lá que também ainda tá em construção o teu aplicativo... né... então esse aspecto ali da oralidade... eu achei bem legal... porque quando a gente pensa em produção textual... que ali eu vi muito o foco do aplicativo... a gente quase esquece de atrelar que essa reflexão... ela parte muito da oralidade... das experiências que a gente tem... das experiências que a gente observa no mundo... né... que estamos no mundo e observamos... e muito disso parte primeiramente do plano da reflexão... que passa a ser materializado na oralidade... e só então entra lá no plano da escrita... dentro da estrutura que é exigida... né... da produção textual... dos aspectos gramaticais da língua portuguesa... dos mecanismos coesivos... da progressão textual... do encadeamento de ideias... de parágrafos e afins... né... então achei bem legal essa possibilidade de em um único lugar... a gente ter essas diversas possibilidades de questão... de podcast... gênero que tá super em alta... né... o podcast... e aí que querendo ou não... é... o que a gente chama às vezes de... ah... mesa-redonda... né... vamo fazer aqui um júri simulado... um debate... uma mesa-redonda... e aí eles já ficam... ah... mesa-redonda... debate... e a gente tem o podcast... que nada mais é do que uma ressignificação desses outros gêneros... mas com essa roupagem nova... com essa linguagem nova... a questão visual... sonora... da leitura... e aí conseguir fazer esse processo... né... de vim... entender o tema... refletir o tema... a partir de documentos autênticos, o filme ele não foi pensado como um instrumento pedagógico... então você pega documentos autênticos... como a questão do filme... né... a questão de temáticas... de vídeos... eu vi lá os videozinhos na entrada dos podcasts... né... então a gente... você pega um documento que não foi feito... pensado... elaborado... disfarçado... né... simulado como um documento pedagógico... você pega um documento real... e partir dali a gente consegue fazer essa progressão... é... ouve sobre o tema... analisa a partir de documentos reais... como filme... o podcast... passa pra uma questão de reflexão... que perpassa aí pela essa questão da oralidade... e só então a gente chega na questão de produção... e eu vi também que a questão assim mais conteudista... assim gramatical... ela não é uma coisa que é uma primazia lá no teu aplicativo... então, eu acredito que o aspecto mais gramatical ali... aquela coisa mais gramática dura... ela entra mais como uma questão de ajuste de correção depois... entre o professor e o aluno... não algo que o aluno tenha que passar antes pra que ele consiga fazer uma produção... pra que ele consiga aprender... né... pra que ele consiga manusear... ali o aplicativo... então eu achei bem legal esse aspecto também... né... que enfatiza muito esse aprendizado a partir dos documentos reais e de documentos autênticos... que não foram criados com a finalidade pedagógica... e que fazem esse percurso sem essa carga de primaziar o gramatical em si... aquela coisa dura... né... mas mesmo de fortalecer um repertório, de ampliar, de refletir o seu lugar no mundo, de entender como essas estruturas funcionam... como a gente funciona faz parte dessas estruturas... se a gente pode romper ou não com elas... e a gente entende que tem alguns momentos a gente não consegue romper... eu vi lá umas temáticas... a gente não pode romper com algumas delas... mas se a gente entender... a gente chega de novo nas práticas discursivas pra entender... como a gente funciona dentro dessa estrutura é um elemento importante pra gente conseguir refletir... pra gente saber... a gente pode não conseguir mudar... mas a gente entende como funciona, né? Entender como é o nosso lugar nesse espaço social é importante pra esse processo de consciência e dessa tomada de reflexão também a partir da materialidade final que é a produção textual. (CECÍLIA, 2021)

Percebemos no discurso da professora Cecília a importância de um ensino dialógico, que é a proposta do nosso aplicativo, o qual apresenta conteúdos que estão diretamente conectados à realidade do aluno, como uma produção textual a partir das problemáticas expostas no filme de um dos vilões mais famosos do mundo: o coringa. Diante disso, abrem-se portas a inúmeras possibilidades de práticas de letramento, as quais rompem com aquela barreira entre professor, aluno e tecnologia. Além de proporcionar um ensino-aprendizagem interativo e que fomenta a criticidade.

Por fim, solicitei aos docentes sugestões para melhora do aplicativo. A professora Eneida trouxe comentários muito relevantes quanto à acessibilidade, deseja que os conteúdos, no futuro, tenham audiodescrição e legendas. Sem dúvidas, é algo que desejo aprimorar na plataforma.

Verificamos que o aplicativo funciona como uma rede de apoio, em que os professores têm acesso a conteúdos, a aulas e a documentos importantes, a fim de promover uma maior conexão entre os docentes e facilitar o processo de elaboração de aulas, encontrando ali alternativas práticas e exequíveis. Ressalto que o aplicativo estará sofrendo alterações e atualizações constantemente, pois tenho como objetivo também inserir materiais de outros professores que se identificarem com a proposta.

5 Considerações finais

Essa pesquisa compreende que os multiletramentos voltados à abordagem discursiva são subsídios importantes para as aulas de língua materna. Urge a necessidade de trabalhar em sala de aula conteúdos que estejam atrelados ao contexto sócio-histórico-ideológico que estamos imersos, suscitando a formação do aluno-cidadão, a fim de garantir que a escola seja um espaço de liberdade e cumpra a sua função social.

No período histórico que vivenciamos: um cenário de pandemia, diversas modificações foram realizadas para adaptação ao isolamento, fato que também ocorreu no contexto educacional, o ensino remoto se revelou um novo caminho, tornando-se o ponto de encontro de saberes nessa rotina de ensino virtual. No que diz respeito ao ensino-aprendizagem de Língua, analisamos que as práticas de ensino, ainda não exploram toda a potencialidade do discente, pois se concentram, em grande parte, na orientação de atividades para devolutiva dos alunos, apresentando uma representação do que já era feito no ensino tradicional presencial. Dessa forma, com o contato restrito à devolutiva de atividades, o uso da tecnologia não é realizado com objetivo de explorar todas as potencialidades do discente frente à tecnologia, formalizando-se em apenas mais um caminho que leva à cultura do impresso.

Entendemos que as TICs se tornam fundantes à prática docente. Todavia, a pesquisa revelou exploração ínfima dos recursos tecnológicos, sobretudo pelos professores que não tiveram formação continuada. Registamos a participação pouco satisfatória dos alunos, a falta de diversificação de conteúdos apresentados e do modo de exposição. Logo, é necessário aprimorar o uso de tecnologias e das práticas discursivas em sala. Tal fato pode se tornar realidade por meio do incentivo ao desenvolvimento de práticas multiletradas e da estruturação dos ambientes digitais de aprendizagem que proporcionem acesso integral de todos.

Discutir, no espaço escolar, temáticas que estejam diretamente relacionadas às problemáticas sociais é fundamental. Os atores sociais, como professores e estudantes, já encontram posto e elaborado o significado social da escola, de forma independente das relações que estabelecem com esse significado. Com efeito, a relação entre professores e alunos para com o significado não é direta e imediata, mas exige mediações que criem condições para a atribuição de sentido pessoal ao significado, o que promulga práticas sociais cristalizadas.

À luz dos fatos expostos, cabe frisar que a escola seria o local privilegiado para mediações, visando à socialização de conhecimentos, pedagogicamente estruturada para este fim. Contudo, lamentavelmente, há falta dessas mediações, o que cria um ambiente de crise de sentidos e significados, no qual os sujeitos, ao se sentirem afastados do espaço escolar, tornam as relações distantes e inaptas, desse modo, a prática cidadã é inexistente. Precisamos discorrer sobre a formação dos nossos discentes para que consigam se posicionar criticamente nos diversos espaços sociais, a fim de exercerem seus direitos como cidadãos. Para tanto, faz-se mister o trabalho com os multiletramentos e com a discursividade.

Diante disso, faz-se necessário trazer para as aulas de língua materna essas novas ferramentas, visto que podemos proporcionar aos alunos o contato com mídias que eles podem utilizar para além dos muros da escola. Ademais, estaremos promovendo aos nossos discentes o desenvolvimento de habilidades relacionadas às tecnologias, às modalidades da língua e às práticas discursivas, aspectos imprescindíveis na formação de um aluno-cidadão.

Nesse sentido, destaco que, mesmo diante dos inúmeros aprendizados que tive quanto pesquisadora, este trabalho não visa romantizar o ensino remoto, tampouco a pandemia, afinal, essa mudança trouxe diversas consequências para a rotina de alunos e de professores; entre elas, saliento o aumento da jornada de trabalho e as exigências impostas pelas instituições de ensino quanto à prática docente, visto que as escolas passam a cobrar do profissional a atuação tecnológica, entretanto, poucas oferecem os subsídios necessários para que o docente aprenda a manusear as novas ferramentas tecnológicas existentes. Além disso, a pandemia, o isolamento e as aulas virtuais também trouxeram danos à saúde mental de inúmeros profissionais, principalmente àqueles que perderam familiares e amigos, adoeceram ou não tiveram acesso à formação continuada e a equipamentos tecnológicos.

Destarte, o aplicativo proposto surge como uma alternativa de conexão entre professores, a fim de somar saberes e práticas, formando uma rede de apoio, aspecto imprescindível em um momento histórico marcado por tantos conflitos e desvalorização da classe docente.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1970.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRANDÃO, Helena. H. Nagamine. *Introdução à Análise do discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero Feminismo e subversão das identidades*. 10. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

FERREIRA, Maria Mary. *Nos bastidores da tribuna:* mulher política e poder no Maranhão. 235 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Letras e Artes Araraquara. São Paulo, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LAKATOS, Maria Eva; MARCONI, Andrade Marina. *Fundamentos de Metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEONTIEV, Alexis. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LURIA, Alexander Romanovich. A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais**.** In: LURIA, A. R. *Curso de Psicologia Geral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese do Discurso*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso*: a construção do ethos. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005, p. 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.

PLATÃO. *A República*. 7. ed. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

ROJO, R. H. R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____ (org.). *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 42ª Edição. Campinas: Autores Associados, 2012.

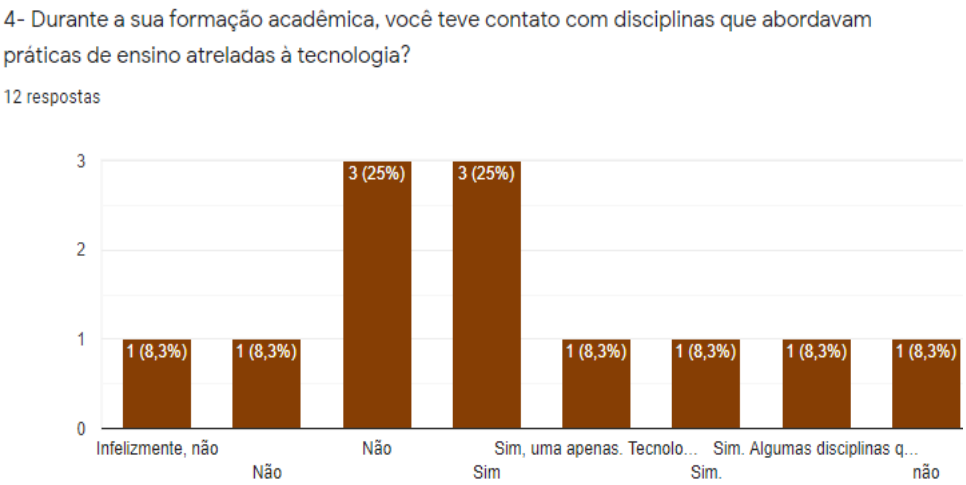
SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100012&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 20 maio 2019.

STREET, Brian. *Letramentos sociais:* abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem***.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

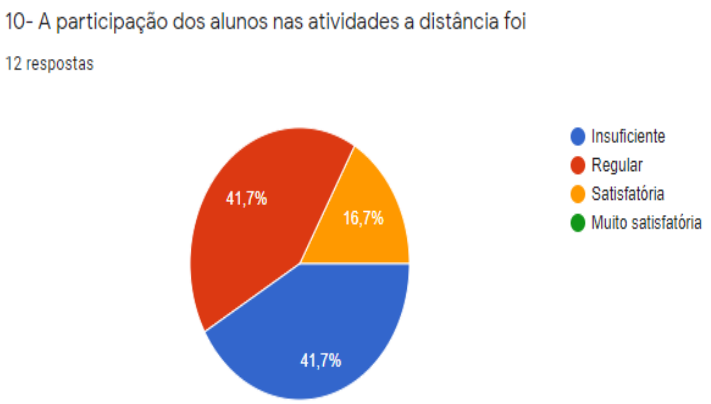
Lista de gráficos e imagens

Gráfico 1 – Pesquisa 1 (Entrevista via Google Formulário)



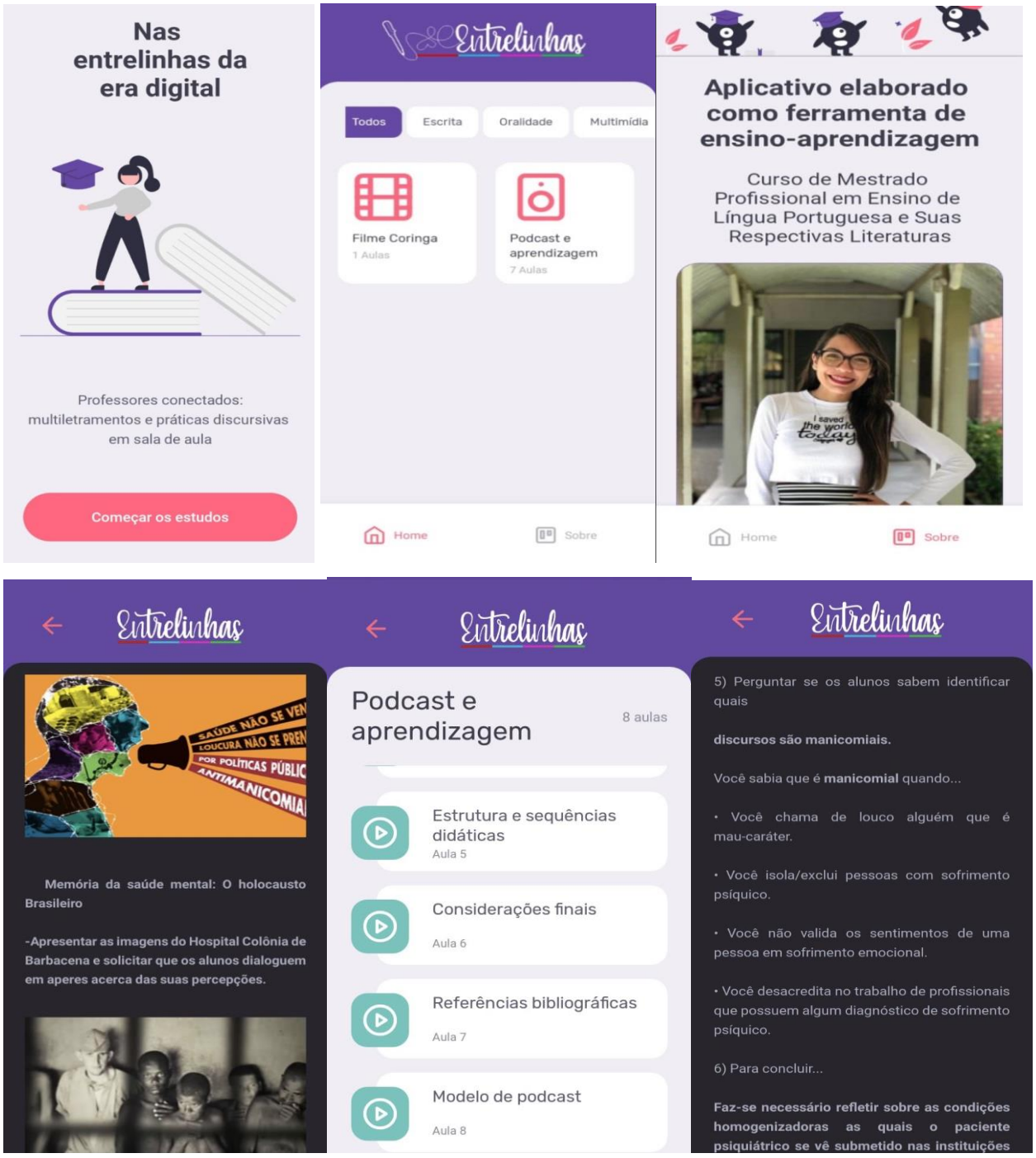
Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, disponível em google formulários.

Gráfico 2 – Participação dos alunos nas aulas online



Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, disponível em google formulários.

Figura 1 – Aplicativo: Nas Entrelinhas da Era Digital



Fonte: Elaborado pela autora do trabalho, disponível na Playstore.

Bloco 1: *Perfil, formação e atuação*

	Clarice Lispector	**Eneida**	**Machado de Assis**	**Hilda Hilst**	**Fernando Pessoa**
Gênero	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Idade	26	30	26	36	33
Instituição onde concluiu graduação / Ano de conclusão	UEPA– Belém / 2016	UFPA – Belém /2015	UEPA – Belém / 2017	UFPA – Belém / 2007	UFPA – Belém/2015
Titulação	Graduada	Mestra	Especialista	Especialista	Especialista
Leciona quais disciplinas?	Português e Produção Textual	Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual	Língua Portuguesa e Produção Textual	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa e Produção Textual
Anos de experiência no Ensino Básico	4	2	4	14	6
Atua na rede					

pública e/ou privada?	Rede privada	Rede pública estadual	Rede privada	Rede privada	Rede pública estadual
Município de atuação	Belém	Maracanã	Belém	Belém	Belém

Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2021).

	Cecília Meireles	**Conceição Evaristo**	**Cora Coralina**	**Guimarães Rosa**	**Haroldo Maranhão**
Gênero	Feminino	Feminino	Feminino	Masculinoo	Masculino
Idade	26	30	26	26	29
Instituição onde concluiu graduação / Ano de conclusão	UEPA– Belém / 2016	UNAMA – Belém /2016	UEPA – Belém / 2016	UEPA – Belém / 2016	UFPA – Belém/2015
Titulação	Especialista	Especialista	Mestra	Especialista	Mestre
Leciona quais disciplinas?	Português e Produção Textual	Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual	Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual	Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual	Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual
Anos de experiência no Ensino Básico	5	5	1	9	9
Atua na rede					

pública e/ou privada?	Rede privada e rede pública	Rede privada	Rede privada e rede pública	Rede privada	Rede pública estadual
Município de atuação	Belém	Belém	Belém	Belém	Belém

Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2021).

	Dalcídio Jurandir	**Carolina Maria de Jesus**
Gênero	Masculino	Feminino
Idade	68	30
Instituição onde concluiu graduação / Ano de conclusão	UEPA– Belém / 1976	UFPA – Belém /2015
Titulação	Especialista	Especialista
Leciona quais disciplinas?	Português e Produção Textual	Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual
Anos de experiência no Ensino Básico	41	9
Atua na rede		

pública e/ou privada?	Rede privada e rede pública	Rede privada
Município de atuação	Belém	Belém

Fonte: Pesquisa realizada pela autora (2021).

Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e Suas Respectivas Literaturas – Mestrado Profissional
Travessa Djalma Dutra, s/n - Telégrafo - 66050-540 - Belém – PA
https://paginas.uepa.br/ppgell/